

Nos nichos domésticos: a criança e o outro no jogo do funcionamento da língua(gem)

Rosa Attié Figueira*

Resumo

Este artigo, cujo foco incide sobre episódios da trajetória de crianças brasileiras com o português, completados com episódios do francês-língua materna, encerra uma amostra de situações variadas, que nos dá acesso a refletir sobre a língua(gem) nos anos da infância. Para tanto, buscamos a contribuição teórica de autores exponenciais da linguística geral. O trabalho adota a metodologia longitudinal naturalística, voltando sua atenção para a relação da criança (i) com a “língua” e (ii) com o “outro” – cenário empírico de uma proposta que, desse modo, inscreve-se no tema “alteridade”, sem perder de vista “fatos de língua”. A pesquisa assume o diálogo como unidade de análise (De Lemos, 2002), contemplando fragmentos de diálogos com o adulto (situação mais frequente) ou da criança com outra criança, nos nichos domésticos. Buscamos o cenário natural (não elicitado), que possibilita visualizar de que modo, entre 2 e 5-6 anos, a criança inicia sua relação com a língua materna, em episódios que permitem entrever uma face marcante e singular do funcionamento simbólico.

Palavras-chave: língua; discurso; diálogo; Saussure; singularidade.

* Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutora em Linguística pela UNICAMP. Professora Titular do Departamento de Linguística, ao qual continua vinculada como aposentada colaboradora. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0388-7132>.

Dans les cercles domestiques : l'enfant et l'autre dans le jeu du fonctionnement de la langue/langage

Résumé

Dans cet article, en nous concentrant sur des niches familiales, à partir des épisodes de la trajectoire des enfants avec la langue portugaise (complétés par des épisodes de français-langue maternelle), nous disposons d'un échantillon varié pour illustrer ce que c'est le langage dans les années de l'enfance, en faisant appel à la contribution théorique d'auteurs exponentiels de la linguistique générale. Ce travail adopte la méthodologie longitudinale naturaliste, en étudiant (i) la relation entre l'enfant et la « langue », aussi bien que (ii) la relation avec l'« autre » auquel il s'adresse – scénario empirique d'une proposition qui s'inscrit dans le thème de l'altérité, sans perdre de vue les « faits de langue ». Dans la recherche, nous prenons le dialogue comme unité d'analyse (De Lemos, 2002), en considérant des dialogues entre l'enfant avec l'adulte ou avec un autre enfant – scénario naturel, permettant d'envisager comment, entre 2 et 5-6 ans, l'enfant entame sa relation avec sa langue maternelle, à travers des épisodes qui laissent entrevoir une facette frappante et singulière du fonctionnement symbolique.

Mots-clé : langue ; discours ; dialogue ; Saussure ; singularité.

Recebido em: 03/08/2025 // Aceito em: 27/11/2025

Antecedentes: situando a pesquisa

Este trabalho oferece à discussão cenas da infância, recolhidas de diálogos do cotidiano, os quais rendem uma discussão acerca dos feitos linguísticos que representam o ingresso da criança na língua materna. A pesquisa visa expor as relações afeitas ao funcionamento linguístico-discursivo nos nichos domésticos, a partir de uma metodologia que se vale de material selecionado da fala de crianças entre 2 anos e 5-6 anos de idade, metodologia atenta ao que essa fala pode revelar sobre o percurso da criança com a língua materna. Na interação da criança com o adulto (ou com outra criança), interessam-nos, sobremaneira, as particularidades que marcam momentos singulares do sujeito, relativamente à língua falada em seu entorno¹.

Nesse enquadramento, figuram acontecimentos ou fatos de língua, cuja natureza, na ótica do mais atento dos observadores – o pesquisador –, dá lugar a uma documentação, através da qual, no interior de um quadro teórico definido, buscam-se momentos marcantes dessa trajetória. Procuraremos interpretá-los numa abordagem teoricamente apoiada na reflexão de expoentes da linguística geral – solo fecundo que vai de Saussure ([1916]/1971, 2002) a Benveniste ([1948]/1993, 1995) e Ducrot (1977, 1987). Nosso objetivo é dar a conhecer (e apreciar) a relevância da contribuição destes autores, cada qual em terreno próprio, frente a episódios de um “estado de língua” retratado nos anos da infância.

¹ Pesquisa apoiada pelo CNPq, instituição à qual endereçamos nosso agradecimento. Projetos aprovados levaram a questões, cujos desdobramentos se inscrevem no tópico em discussão neste trabalho. Para abordá-los, contamos com exemplos inéditos e com outros que, retomados de relatórios de pesquisa ou artigos, receberam aqui uma expansão em sua análise.

Minha inclinação para esta busca nasce no grupo formado por Cláudia de Lemos, em meados dos anos 1970², em um departamento de linguística, e se consolida nos anos subsequentes à tese de doutorado (Figueira, 1985, inédita), firmando-se numa área de estudos que, alinhada à elaboração teórica de De Lemos (1995, 2002, dentre muitas publicações), responde ao compromisso com o caráter singular do “movimento da língua” na “fala” da criança. A inclinação para o chamado “erro” marca a minha passagem pela área³, detendo-se na analogia (Figueira, 2018a, Figueira, 2018b), ao tomar como eixo empírico certo número de “inovações” registradas no percurso da criança com o português-língua materna. Os achados, expressivos, aproximaram-me da matriz teórica saussuriana, acompanhando-me neste recorte Vieira (2022), em tese recém-defendida.

Emergem, na fala espontânea da criança, produtos assentados num mecanismo que se instala na estrutura cambiante da “palavra”, sede de processos flexionais e derivacionais. Trazem à discussão os pilares do aparelho conceitual de Ferdinand de Saussure: língua e fala, valor e sistema, relações associativas e relações sintagmáticas.

Um exemplo: no contexto da família, quando a criança fala sobre o que quer ser quando crescer, um segmento do léxico, o dos nomes de profissão, expõe aspectos da morfologia que chamam a atenção para “feitos de língua” (formações que não estão na fala do adulto). Para o interlocutor da criança, causam surpresa ou mesmo o riso, efeitos de uma faceta desse modo de funcionamento da linguagem nos anos da infância.

2 Nessa época, uma dedicatória, “a Mariana que me ensinou que os olhos nascem sem travas” (Vogt, 1977), despertou meu interesse pelo que se passa com a criança na sua relação com o mundo e *ipso facto* com a linguagem. Observar em que medida a criança estreia na língua materna, numa escuta “sem travas”, capaz de abranger uma diversidade de caminhos, tornou-se um lugar de observação apto a revelar o movimento da língua na fala da criança, ocupando-me em alguns anos de pesquisa.

3 Em 2010, o artigo “O que a investigação sobre o erro na fala da criança deve a Saussure” leva o título que sintetiza minha adesão à matriz teórica saussuriana, adesão que prosseguiu em outras publicações (Figueira, 2015, 2016, 2018a, 2018b, 2019, 2024a).

Esses achados levaram-me da teorização saussuriana à de Benveniste. Ao falar sobre o futuro, espontaneamente ou, em alguns casos, estimulada a tal, é possível reconhecer, nas manifestações verbais da criança, um vínculo claro entre língua e cultura. No “diálogo”, assumido como unidade de análise⁴, surgem inovações, por volta dos três ou quatro anos, faixa de idade – como tão bem o divisou Saussure – em que é possível reconhecer que a operação de “*analogia* é mais viva e fértil na criança” (Saussure, 2002, p. 161).

Uma análise dos episódios contendo nomes de profissão revela não apenas instâncias do chamado (impropriamente) “erro” morfológico, mas outros aspectos referentes ao discurso, em episódios bem recortados do ponto de vista de sua inscrição numa situação de interação. Aspecto particularmente interessante da pesquisa foi constatar que não só substantivos comuns, mas também nomes próprios são sujeitos a relações que determinam alteração na estrutura da palavra, como produzida pela criança.

Contextos de autorreferência (ou de referência atribuída) conduziram-nos a dividir a atenção entre dois domínios amplos: (i) a “nomeação” (portanto, a pôr o foco sobre a palavra) e (ii) a “predicação” (portanto, a focalizar a sentença) – em contextos de interação criança-adulto ou, mesmo, de interação criança-criança, já que o material reunido permitia contemplar diálogos entre coetâneos.

Nossos achados se repartem, neste artigo, entre: enunciados que projetam ideias sobre o futuro, enunciados replicantes e outros tantos, que encerram cenários privilegiados da presença do sujeito na língua, no exercício de certa “posição”,

4 Como membro da equipe formada pela professora Cláudia de Lemos, cedo aderimos a este compromisso teórico-metodológico (De Lemos 1982, 2002).

a ser descrita⁵. Se nos surpreenderam (ou surpreenderam os circundantes), às vezes chegando ao riso, tais efeitos não serão ignorados na descrição, principalmente porque particularidades da fala da criança dizem respeito à sua posição em relação à língua, mas também em relação ao outro, com quem fala. Este, possivelmente afetado pela singularidade da fala da criança.

Para falar das coisas do mundo e para se situar frente a si mesma e ao outro, no universo em que vive, a criança nomeia e faz predicções, que figurarão, em nosso exemplário, em ocorrências selecionadas por tocarem na **questão da alteridade**⁶.

Uma delas encerra uma novidade: duas meninas estão pintando e mostram-se hesitantes na nomeação que lhes cabe como crianças que pintam. Exposto em outra publicação, o dado retorna aqui, explorado na dimensão de uma alteridade, solicitada pelas crianças. Explico. No diálogo, as meninas conversam entre si, mas também com a investigadora, solicitada por elas para conferir qual seria o “nome” da ação que estão a praticar. Um dado único, ímpar na sua capacidade de reunir aspectos de língua e de discurso, como se verá à frente.

Se já contávamos com o aporte teórico de Saussure e Benveniste, outros elementos vinculados ao discurso nos levam, graças ao material empírico pouco a pouco ampliado, às contribuições de Ducrot (1977, 1987) e Vogt (1989), pondo à prova sua relevância, num recorte que encontra a oportunidade de se exercer plenamente, através da metodologia longitudinal de base naturalística.

5 Para avançar neste domínio, a reflexão de De Lemos (2002) acerca das “posições” do sujeito numa estrutura será incorporada, com bons resultados na análise do percurso da criança com a língua materna.

6 Alguns episódios, presentes em outras publicações, ao serem reapresentados, exploram um dos subtemas deste volume da Revista *Scripta*: o efeito cômico.

Essa opção metodológica colocou-nos em situação privilegiada no tratamento de um tema: a agentividade⁷. Procedentes de eventos nos quais a criança está envolvida como participante, sendo considerada sua responsabilidade sobre determinado estado de coisas do contexto, mobilizam na sua descrição as contribuições de Vogt e Ducrot acerca de “tiradas” argumentativamente orientadas, quando ela, a criança, declara ao adulto quem fez o quê numa situação doméstica. No círculo da família, tais situações têm como pano de fundo recomendações, pedidos e outros atos de fala dos adultos, aos quais devem ou podem as crianças corresponder – universo do deôntico e do epistêmico. Uma pequena amostra de recortes causais será trazida para este artigo na seção 3.

Em termos de organização textual, este artigo se divide em nove seções: 1) Da nomeação à predicação; 2) Além dos nomes da profissão, o que o léxico da criança nos reserva; 3) Agentividade na cadeia causal: no manejo discursivo, uma diversidade de recortes; 4) Um diálogo de J expõe a homonímia; 5) Enunciados autorreferenciais: em destaque a primeira pessoa; 6) Sobre o nome próprio e o nome comum. Reunindo achados de (e)feitos marcantes; 7) A palavra e sua estrutura: lá onde a língua pulsa em remotivação semântica; 8) Entre contar e nomear; 9) O potencial homofônico da cadeia sonora como desencadeador de relações associativas. Transversal a todas as seções, a relação da criança com o interlocutor evidencia o jogo do funcionamento da língua(gem).

⁷ Em vez de enunciados elicitados, trabalhamos com diálogos colhidos no calor do acontecimento, os quais permitem contemplar fatores vinculados ao ponto de vista do enunciador, a criança, na sua singular condição, em diálogos em que há, por exemplo, discordância com o interlocutor, geralmente um adulto.

Em termos metodológicos, acolhemos ocorrências de (i) diários parentais⁸ e (ii) sessões de gravações, duas fontes condizentes com o propósito adotado na pesquisa, consagrado às conversas nos nichos domésticos. Aos excertos do português (material predominante), dados do francês-língua materna se acrescentam no corpo empírico, na medida em que se encaixam no corpo de questões sob discussão. Nesse caso, dispomos de episódios colhidos em dois livros, cujas autoras, Aimard (1975) e Tamine-Gardes e Bonnet (1984), cultivam o mesmo gosto que temos (Figueira, 2023a) em recolher ocorrências que recheiam os diários das crianças.

No conjunto assim formado, encontram-se episódios marcantes para nós, pois nosso interesse se concentra nos dois polos da interlocução – sem ignorar o efeito da fala da criança sobre quem ocupa a outra ponta do diálogo, o adulto, seu principal interlocutor. Tal decisão tem suscitado indagações relevantes quanto ao efeito cômico⁹: não é incomum que o adulto se surpreenda ou mesmo ria do que emerge pela boca da criança (Figueira, 2001). E quanto à criança? – pergunta-se. A graça que emana de sua fala será reconhecida (ou mesmo almejada) por ela? Eis o quadro (mais amplo) em que se inscreve a questão do humor, que toca de maneira mais aguda – como verá o leitor – alguns dos excertos exibidos à frente, principalmente aqueles em que há uma escuta divergente do *continuum* sonoro¹⁰.

8 O diário de J. é uma das fontes que alimentam este trabalho, de resto colhido debaixo do meu próprio teto. Já o diário de Al. é fonte que incorporamos à pesquisa, desde que o material de Al. (1;3.4 a 4;0.18 de idade) nos chegou pelas mãos de sua mãe linguista: Daniela Marini-Iwamoto – a quem agradecemos, pelo denso e cuidadoso registro documental.

9 Sem ser este um artigo dedicado especificamente ao efeito cômico da fala infantil, buscou-se uma articulação entre temas afins (mencionados na chamada deste número), o humor sendo um deles.

10 Do material exposto no *painel* (organizado por Lier-De Vito e Arantes), no *18th International Pragmatics Conference* (2023), escolhemos representar o episódio (15), exemplar para mostrar uma interpretação divergente, atribuída a um segmento da cadeia sonora, de efeito perturbador naquele que conversa com a criança, marca de uma assimetria no diálogo adulto-criança.

1 Da nomeação à predicação

Abro a seção expondo um achado recebido de uma ex-aluna¹¹. Contou-me que uma menina (4 anos), diante da pergunta “onde está sua mãe?”, respondeu:

(1) Cr.: É *aquela ali. A tatuadista*.

Cedo espaço a este exemplo por duas razões que devo justificar. Ao lado da satisfação por constatar que conseguira estimular o gosto pela observação da linguagem na infância, ainda vi crescer o material que colecionava. O enunciado (1) era mais um a se somar a outros que despertaram minha atenção sobre a formação dos nomes de profissão no léxico incipiente da criança. “Tatuadista” emergiu espontaneamente, num ato de fala em que a menina apontava sua mãe, nomeando-a com uma palavra, terminada em -ista, onde seria esperado “tatuadora”.

Minha pesquisa já tinha atestado o que considero, nos primeiros anos de vida, um laço entre a expressão linguística e o ambiente sociocultural da criança, quando esta verbaliza aos circundantes o que quer ser quando crescer. Onde, em quais contextos? Em qual idade? A resposta que me coube encaminhar veio de material presente na fala de quem tem menos de seis anos de idade, nos contextos em que ela, a criança, exprime espontaneamente seu desejo para o futuro. Em breve síntese, dentre os dados recolhidos, encontram-se, por exemplo: um menino que, cedendo a sua admiração por seu ídolo, declara que quer ser “rockista”; por sua vez, uma menina declara que quer ser “cabeleirista”; outra, “cantadeira”; outra, ainda, “dirigidora de caminhão”.

¹¹ Ela frequentou a disciplina Fundamentos da Aquisição da Linguagem, que eu ministrara na graduação do Instituto de Estudos da Linguagem/IEL-UNICAMP, anos antes.

Primeiras manifestações do desejo infantil, ecoando uma expressão ouvida muitas vezes, no contexto da família: “quando você crescer...”. Convertida em “discurso próprio”, na primeira pessoa, esta vira, na boca da criança, a expressão de um querer que parte de si mesma: “quando **eu** crescer eu quero ser...”. Neste ato de fala, a marca da singularidade está não só na escolha por esta ou aquela ocupação, mas na “forma linguística” com que a escolha se manifesta.

Desse modo, além do evidente elo da linguagem com a sociedade, a infância nos reserva, nas primeiras escolhas que brotam espontâneas entre meninos e meninas, achados que indicam o movimento da língua na fala da criança. Exibem o que chamei de uma “ciranda” de sufixos: deslocados de seu lugar convencional, os sufixos -ista, -eiro(a), -or(a) afloram em nomes de profissões. Peças que estão fora de lugar, *vis-à-vis* a língua do adulto: (i) -eira em lugar de -ora (“cantadeira”); (ii) -ista em lugar de -eira (“cabeleirista”); (iii) -ista em lugar de -eiro (“roquista”).

Em termos do aparato saussuriano, revelam uma relação *in absentia*. “Cantadeira” (por “cantora”) revela um alinhamento com “costureira”, “cozinheira”, “faxineira” e tantas outras. “Cabeleirista” e “roquista” exibem um alinhamento com nomes de profissão que se formam sob o modelo de “pianista”, “dentista”, “violonista”... Movimento assimilável à representação de um cálculo — piano : pianista :: cabelo : cabeleirista.

A convenção notacional adotada acima¹² busca traduzir, através do aparato teórico saussuriano, a evocação **latente** a uma associação que justifica “cabeleirista”. Feito do qual

12 Lançamos mão da notação que traduz o movimento da quarta proporcional, operação proposta por Saussure para conferir representação à ação da analogia. Esta encerra um movimento que pode ser traduzido como: “rock” está para “roquista” assim como “piano” está para “pianista”. Esta análise atende o produto (“roquista”, “tatuadista”, “cabeleirista”), assimilável à representação de um cálculo: a quarta proporcional, um traço que define a abordagem via Saussure como afeita à **literalização**.

a criança não se dá conta, capturada que é pelo movimento que põe em jogo a noção de **relação**, referente a uma ordem – ordem manifesta num produto diverso, mas numa distribuição que condiz com o lugar de um sufixo, posição onde “flutuam” (nessa distribuição morfológica) subunidades, no interior da palavra que dá nome à profissão.

O enunciado “Eu quero ser cabeleirista” (igualmente “tatuadista”) pode ser tomado como indício de uma relação latente¹³ que revela ali sua face “inovadora” (ou como também diríamos: “transbordante” ou “exuberante”), diferente do que seria esperado na fala adulta.

Esse movimento conta com crescente ampliação de exemplos: crianças que declaram seu desejo de ser ora “desenhora”, ora “sorvetista”, para acrescentar aqui mais dois exemplos de nosso conhecimento. “Desenhora” figura no diário de Al., acompanhado de um acréscimo interessante, observação da mãe-linguista (conforme se vê a seguir).

(2) (Alice saudando a primavera com um desenho e expressando seu desejo profissional)

Al. *Mãe, quando eu crescer quero ser desenhora.* (3;9.21)

Obs: já teve contato com “pintora”, “escritora”, “cantora”.

Veja-se agora como J. (3;11.10 de idade) nomeia aquele que desempenha a função de pintar. Volto a este exemplo (apresentado em Figueira, 2015) porque deverá ser cotejado com (3), a seguir. Vejamos primeiramente o que ouvimos de J., ao olhar um quadro na parede de sua casa. Ela pergunta ao pai: (1’) J. “Quem pintou este quadro, pai? Deve ser uns pinteiros, né?”.

¹³ Preferimos usar o termo “latente” para nomear este movimento que representa (para o observador atento) uma espécie de revelação do “tesouro da língua”. Transponho aqui uma brilhante passagem de Normand (2000). Quando esta autora considera uma das criações (analógicas) das crianças, afirma: “elle [la création] rend visible, para la surprise qu’elle provoque, et qui suspend sur un point l’évidence de la parole, le fonctionnement ordinaire dans le système” (Normand, 2000, p. 87, grifo próprio).

Como se vê, é a própria menina quem responde, com um nome divergente da fala adulta: “pinteiros”. A ocorrência, acrescentada às anteriores, permite falar de um cenário multifacetado, procedente daquele que estreia na morfologia da língua portuguesa – quadro apto, como aventamos (Figueira, 2019, 2023a), a ser descrito no interior da matriz teórica saussuriana. “Pinteiro” é mais uma instanciação de sufixação resultante de um alinhamento com “verdureiro”, “jardineiro”..., decorrente da aproximação com outros signos da língua, que lhes são coexistentes, num movimento que assoma sem que J. se escute falando diferente do que seria esperado, ao dizer, sem hesitação, ao pai: “Deve ser uns pinteiros, né?”.

Exploremos um pouco mais este passo, na elaboração descritiva do fenômeno. De onde vem a “força explicativa” desse movimento que não passa abertamente pela consciência? Para aplicá-la aos feitos citados, tomemos aqui uma vigorosa citação de Culler¹⁴, aproveitada para fazê-la chegar à chamada *dança de sufixos*:

o conceito de inconsciente é uma maneira de explicar [...] **como eles podem ser simultaneamente desconhecidos, mas estar efetivamente presentes. Se uma descrição de um sistema linguístico vale como uma análise de uma linguagem é porque o sistema não é algo dado imediatamente à consciência, mas que se supõe estar presente, sempre em ação no comportamento que ele estrutura e torna possível.** (Culler, 1979, p. 65, grifo próprio).

Na fala da criança, o movimento dos sufixos faz supô-lo latente ao resultado que ele torna visível. Dá ao pesquisador a

¹⁴ É indicado acompanhar mais amplamente a exposição de Culler, ao associar Saussure a Freud, no capítulo “O lugar das teorias de Saussure”, em seu livro *As ideias de Saussure*. Considerações de como se identificam as unidades linguísticas (juízos e percepções do sujeito falante) precedem a apresentação que faz o autor das dicotomias saussurianas.

possibilidade de constatar que, naquele momento da relação da criança com a língua, o produto que sai de sua boca “toca em limites consolidados da língua” (Figueira, 2015, p. 182). Considerado em sua inscrição no **discurso**, levanta a pergunta: como recebe o ouvinte tal produto?

A pergunta abrange seja enunciado de primeira pessoa, em que a criança diz o que ela quer ser, como no enunciado (2), seja aquele em que ela nomeia, com desenvoltura, profissionais, como “tatuadista” ou “pinteiros”. Chamam a atenção como são proferidos, sem hesitar, numa situação do cotidiano em que criança e adulto conversam, parceiros que são da mesma língua¹⁵.

Quando a criança já nomeia e predica, e o faz de maneira singular, sob algum aspecto que diverge da fala adulta, apressa-se o interlocutor (adulto) a corrigi-la? Temos visto que não é o que acontece comumente, como comportamento geral. De fato, é do senso comum que os pais não ensinam a criança a falar: eles estão mais atentos ao conteúdo do que dizem os pequenos do que à correção ou à incorreção gramatical da fala de seus filhos, sensíveis às aspirações futuras dos pequenos mais do que ao “erro” na palavra.

Fica, por certo, ao pesquisador indagar-se sobre esse momento da relação da criança com a língua – espaço que dá a ver o poder heurístico que o chamado (impropriamente) “erro” encerra para o “fazer do linguista”: ele nos dá acesso a desvelar uma face do “funcionamento simbólico”, como dissemos, transbordante ou exuberante (Figueira, 2010), efeito da **captura** do sujeito pela língua, mostrando a língua em movimento, em produtos que soam como inovações. Esse material empírico privilegiado é condizente com a perspectiva interacionista de

¹⁵ Como é sabido, em nossa cultura, a criança é tratada como um vir a ser falante, aliás, desde bebê, já nos primeiros meses de vida.

Cláudia de Lemos, comprometida com os “aspectos singulares” da trajetória da criança com a língua. Posição abraçada em trabalhos de conclusão de orientandos de mestrado (Lima, 2009), doutorado (Vieira, 2022) e pós-doutorado (Maldonado, 2015), alinhados a uma reflexão que valoriza, na sua singular aparição, as instâncias da língua em funcionamento nos anos da infância. Não é difícil perceber o porquê dessa opção teórico-metodológica, contrária à “higienização dos dados” (Lier-De Vitto; Carvalho, 2008)¹⁶. Nos anos 1990, ao adotar, nos *corpora* infantis, o chamado “erro” como “dado de eleição” (Figueira, 1996), focalizamos “inovações” na morfologia nominal e verbal (Figueira, 1995), mostrando a qualidade excepcional desse material, para dar a ver a **língua na fala** da criança – perspectiva a que demos prosseguimento na última década e meia (ver nota 4), com a adesão, explicitamente assumida (e incluída), no movimento de “*retour à Saussure*”.

Dito isso, acrescentamos um diálogo, (3) a seguir, cuja densidade contribui com elementos na discussão do que se tem sido nomeado “alteridade”. Esse diálogo se desenrola entre três interlocutoras, quando duas meninas (Da. e Ve.) pedem a participação da investigadora (Inv.). Ao contrário de (1), em que o dado foi a mim relatado, o episódio (3) foi recolhido do arquivo do CEDAE por Camila Vieira. Já exposto em Figueira (2023), sua análise pede alguns desdobramentos e aqui retorna, com vistas a uma expansão.

16 O interacionismo nasce de um “esforço de teorização” inaugurado por Cláudia de Lemos, conforme exposto no artigo “O interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem”, de Lier-De Vitto e Carvalho (2008). Esse artigo conheceu recentemente, sob o mesmo título, nova publicação na Revista da ABRALIN (Lier-De Vitto; Carvalho, 2024), com acréscimos e atualizações, leitura recomendada. A repercussão das proposições originais de De Lemos alcança amplo leque de adesões. Lembramos algumas delas: discussões teóricas sobre a relação do investigador com o dado (Carvalho, 2005), ampla investigação sobre o domínio das falas sintomáticas no significativo espaço acadêmico conduzido por Lier-De Vitto e Arantes no LAEL-PUCSP. Ao lado dessas, figuram nossos trabalhos (Pereira de Castro; Figueira, 2006), no Grupo de Pesquisa em Aquisição da Linguagem/GPAL (IEL/UNICAMP).

(3) Da. (3;09.10) com a investigadora e a filha da investigadora, Ve. (4;8.9). As crianças fazem pinturas. Da.: Tô com a mão suja. Eu tô igual/ eu tô igual um/ um pintor. (a)
Ve.: Só que nós somos pintora. Existe pintora. (b)
Da.: Existe pintora, né? (c)
Inv.: Existe. (I)
Ve.: Existe pintora, não é? (d)
Inv.: Claro. (II)
Ve.: *Tem pintora marida do pintoro.* (e) (CEDAE, *corpus* de Da., 3;9.10).

Quem começa é Da., levando Ve., no turno seguinte (b), a reagir ao que sua amiga Da. dissera. Ela o faz com uma **palavra do discurso**: “só que”, semanticamente próxima de “mas” – palavra que anuncia uma discordância.

Esse elemento já oferece ângulo novo sob o qual analisar (ou reanalisar) esse diálogo a três, mas é seu desfecho, impagável, que o coloca como peça privilegiada para uma discussão sobre língua e, igualmente, sobre o movimento que ocorre entre as meninas, até o turno final, que coube a Ve. O vai e vem entre as meninas conta duas vezes com a voz da investigadora: (I) e (II). Vejamos, de maneira detalhada, os passos desse diálogo – achado que tem uma aparição única, irrepetível, dentre nossos registros.

No turno (a) do diálogo, temos primeiramente a fala de Da.: “Tô com a mão suja. Eu tô igual/ eu tô igual um/ um pintor”, enunciado em que a menção de Da. ao estado de sua mão é comparado ao de um “pintor”. Ve. reage a essa forma masculina (como dissemos, usando uma palavra do discurso), em (b): “Só que nós somos pintora. Existe pintora”¹⁷. Para Ve., caberia, então, falar “pintora”. No turno seguinte, Da. pede que se confirme que existe “pintora”. Quem responde afirmativamente é a investigadora (I).

¹⁷ Entre os turnos que seguem de (b) até (d), não é muito claro se está em questão a existência da profissão para mulheres, ou a designação, enquanto tal, no vocabulário da língua adulta. Ou seja: o item é usado ou mencionado?

É quando Ve., fazendo a mesma indagação (estaria hesitante?), comparece solicitando confirmação (d), que recebe da investigadora: “Claro” (II). Neste ponto, ocorre um turno de fala que transforma esse diálogo num achado excepcional, cuja análise nos ocupará a seguir.

A dúvida, que perpassava os turnos iniciais de Da. com Ve., termina na fala final de Ve., numa direção, por assim dizer, insólita. Para os ouvidos adultos, é surpreendentemente divergente: “Tem pintora marida do pintor” (e). Nesse pronunciamento, o termo derivante, que vai dar no derivado “pintor”, é aquele que deriva do feminino “pintora”. Poderíamos aventar que é o que ficara na memória recente de Ve.? Talvez, visto que ela acabara de sentenciar: “Tem pintora”.

Continuemos, pois o enunciado é mais denso. Ve. emparelha (via operação analógica) os nomes de profissionais (homem e mulher), cuja profissão é pintar. Ouvimos a predicação: “Tem pintora **marida** do pintor”, ocorrência desafiante, a despertar no pesquisador uma exclamação: *Touché!*

O modo de Ve. enunciar tal relação permite “tocar com o dedo o jogo do mecanismo da língua” (expressão do CLG, capítulo “A analogia”, Saussure, [1916]/1971, p. 192), tomando-a a proveito do que ocorre na trajetória dessa criança com a língua. A fala de Ve. encerra uma expressão duas vezes inovadora¹⁸: inovadora ao que é esperado *vis-à-vis* o léxico adulto (“pintor” em lugar de “pintor”) e inovadora na opção por “marida” (em lugar de “mulher”).

É desses movimentos que se nutre a pesquisa sobre um estado movente de língua (o da infância). Leva-nos a reconhecer, desde que assumimos o “erro” como dado de eleição, que este

¹⁸ Usamos “inovadora” em vez de “errada”.

encerra valor heurístico, isto é, de descoberta. Descoberta afeita aos meandros de um processo, em que relações são tecidas na trama da **língua**, trama que paira em produtos que escapam aos **consolidados do léxico adulto**. Com efeito, no vocabulário do adulto, em lugar de “marida”, seria esperado “mulher”. E este não é o único feito de língua em (e). Resumindo: o turno final de Ve. mostra uma nova roupagem morfológica, intrigante para os ouvidos adultos, pois carregou a designação (de profissão) do feminino (“pintora”) para o masculino (“pintor”). Ve., em que pese o efeito cômico de sua enunciação, não o fez para fazer graça: ela chegou a essa forma – como dissemos – numa inversão do que é a base derivante¹⁹.

O diálogo (3) exhibe a busca pelo nome a se aplicar a uma criança que brinca de pintar, o que termina por revelar Ve., em posição de captura pela língua, à mercê de um movimento em que assistimos – acrescentemos agora – o que é, na teorização de De Lemos (2002), chamado de “segunda posição”. O enunciado final abriga duas variações: “pintor” e “marida”, em que é possível enxergar, a partir da relação com outros itens **que flutuam latentes na ordem da língua**, produtos que, na **fala** (*parole*), assinalam ao pesquisador o **valor** atribuído a itens na trajetória da criança com a **língua materna**.

A palavra “valor”, usada acima, é empregada com o sentido que tem na matriz teórica saussuriana. Às ocorrências divergentes, credita-se um valor, cujo funcionamento no diálogo, passando pelo sujeito falante em sua relação com a língua, é interpretável à luz da matriz teórica de F. de Saussure (e É. Benveniste) como inspiração para a abordagem de sua singularidade.

19 Como um gracejo, em fala descontraída entre personagens da Globo (21h, maio de 2025) escutei a personagem (designada como “princesa”) chamar seu companheiro de “princeso”: tratamento afetivo ou irônico? Ou seria certa graça ingênua, aproveitada pelo roteirista? A meu ver, a condição de Ve. em “marida” é distinta daquela do adulto que faz um gracejo, uma brincadeira com a contraparte masculina do par “princesa-*princepe*”.

Uma palavra agora sobre o **ato de fala** de Ve. em (e). Sua fala é aberta e claramente **assertiva**, sem sombra de hesitação. Onde seria esperado “mulher”, compondo um par relacional (“marido-mulher”) do uso convencional dos falantes do português – descrito (na teoria lexical) como supletivo –, surge “marida”. O pesquisador recebe a peça, enquanto reveladora do **sistema**, que jaz por detrás: em “marida”, emerge um produto que se alinha a tantos outros, morfologicamente produtivos, à semelhança, ou ao modelo de “primo-prima”, “filho-filha”, “tio-tia”... As criações, cuja bizarrice pode surpreender, não são carentes de interpretação.

Aprendemos com Normand (2001/2015)²⁰ que a criação eventual de uma palavra, em emprego inesperado, não fica, por conta disso, sem explicação no quadro de “*retour à Saussure*”. Escreve a autora: quando de um emprego esquisito ou inesperado, aquilo que se ouve “é primeiramente escutado por quem tem uma terceira orelha um pouco mais sensível” (Normand, 2015, p. 107), um convite a “*démarrer l’analyse*” (reponho aqui a expressão usada por Normand, traduzida como “começar a análise”). Iniciar a análise é bem o caminho que se abre ao pesquisador da aquisição de linguagem, quando instigado a deslindar o que encerra a enunciação infantil: “Tem pintora marida do pintoro”.

Sua análise convoca o que se lê no capítulo “*Rapports syntagmatiques et rapports associatifs*”, a saber: “*les termes d’une famille associative ne se présentent ni en nombre défini ni dans un ordre déterminé*” (Saussure, 1989, p. 174, grifo

20 O efeito curioso, até mesmo insólito, de ocorrências como (6), deixa ao linguista a tarefa de jogar luz sobre o feito linguístico que expõe o mecanismo de que procede tal produto divergente. Normand (2015), quando se atém, no artigo “Alguns efeitos da teoria saussuriana sobre uma descrição semântica”, a um enunciado de efeito trocadilhesco, busca deslindar o sentido determinado por uma das virtualidades no emprego de uma cadeia linguística interpretável via apelo à teoria saussuriana (Figueira, 2020).

próprio). “Pintoro”, na fala de Ve., nos dá testemunho de uma inversão na ordem da marca gramatical de gênero: do feminino, derivou-se o masculino, “pintoro”, ocasionalmente formado a partir de uma ordem não esperada.

“Não esperada” significaria “rara”? “Incomum”? Às vezes, sim. Aimard (1975), atenta ao universo dos pequenos na sua trajetória com a língua francesa, documentou achados num livro a que deu o título *Les jeux de mots de l'enfant*, material condizente com nossa pesquisa. Sobre o cenário em que emergem as criações por ela documentadas, afirma que a maioria delas é efêmera, acrescentando que os efeitos de uma ocorrência divergente podem variar, a depender de “l’attitude de l’entourage”:

en mettant à part quelques créations particulièrement heureuses ou maniables qui ont eu quelques mois de vie, **la plupart n’ont été utilisées qu’une fois**. Le devenir d’une création dépend essentiellement de l’attitude de l’entourage. Il arrive que le mot créé par l’enfant fasse rire, qu’on le trouve « joli », les proches peuvent manifester leur intérêt, leur amusement, leur approbation, voire raconter aux parents et amis le « le bon mot » de l’enfant ; ils peuvent même l’adopter et l’employer à leur tour avec plaisir. (Aimard, 1975, p. 163, grifo próprio).

Os efeitos podem ser variados para tais criações²¹, mas o material detém um aproveitamento indiscutível no interior de uma teorização na qual comparecem, como aspectos relevantes, além da relação com o outro, a **relação com a língua**.

²¹ Ver Gisele A. de Lima (2009) em *A fala da criança e seus efeitos no adulto interlocutor*.

2 Além dos nomes de profissão, o que o léxico da criança nos reserva?

Mostramos um segmento do léxico, aberto à variação morfológica, nos nomes de profissão. Há, contudo, empregos que concernem à expressão de quem faz algo sem ser a título de profissão. Trata-se de observar, agora, curto episódio de J., em contexto bem definido, em que a menina, na cozinha, acompanhando o cheiro de onde ele vinha e para onde ia, movimentava-se graciosamente, deslocando-se para aspirar o cheiro de um alimento. Ela se autoneia através de um sintagma complexo, falando de si: “Eu sou seguidor de cheiro” (J, 4;6.20). Oportunidade para introduzir a contribuição benvenistiana, que distingue *nom d’agent* (= nome de profissão) de *nom d’action* (nome de ação) (Benveniste, [1948]/1993).

O primeiro nomeia o profissional (pintor, costureira, alfaiate, arquiteto etc.); o segundo – de que “seguidor de cheiro” é um exemplo – expressa uma **ação** presente, improvisada para nomear o que a menina estava a fazer naquele momento – uma predicação original, talvez nunca antes ouvida. Ela cai nos ouvidos do adulto como familiar (Figueira, 2018, p. 17). À sua sensibilidade linguística (ou ao que Saussure chamou de “sentimento linguístico”), soa como uma expressão da língua, adequada para exprimir o que J. fazia.

Para tratar desse achado, além de Benveniste, de quem extraímos a designação “nome de ação”, avançamos na descrição, inspirando-nos livremente em Ducrot (1975), ao propor a designação “ato de predicação original”²². O sujeito (da enunciação) **não** faz uso de uma predicação já cristalizada,

²² Tomo emprestada livremente a designação de Ducrot (1975), extraída do artigo “Je trouve que”.

corrente no uso da comunidade falante, e, se ele chega a uma denominação para referir-se a uma ação num ato que **está a praticar**, expressão de ação contingente, esta é referida ao mesmo tempo – tempo presente da enunciação e do enunciado – em que é efetivada, numa expressão improvisada.

Notemos que a palavra “improvisação” está no léxico saussuriano e recobre o universo de inovações. Sua manifestação, no vocabulário da criança, é associada a uma ordem da qual ela já se mostra cativa: a da língua portuguesa, que forma expressões como “entregador de pão”, “vendedor de fruta”, “coleccionador de prêmios”, “passeador de cães”... e tantas outras²³.

Mas a pesquisa sobre agentividade não se encerra aqui. Quando se trata de buscar um cenário mais amplo, o pesquisador avança numa outra direção, em busca de recobrir “matizes da agentividade”. A noção de “agente” não se esgota no estudo da denominação, via **palavra** ou **sintagma**: ela se inscreve na estrutura da **sentença**, exibindo aspectos relevantes da situação daqueles que participam de uma cena enunciativa, em que um evento pode receber diferentes recortes. Vamos expor, na próxima seção, aspectos de uma pesquisa concluída, sempre revisitada quando a noção de “alteridade” está em jogo.

23 A posição do sujeito numa estrutura, tópico relevante no estudo da aquisição da língua materna, convoca a noção de “sentimento linguístico”, cara a Saussure. No contexto dos gramáticos brasileiros – convém notar –, esta não passou ignorada. Bechara (1962) é quem nos apresenta, em artigo sobre Said Ali, uma passagem da Gramática Histórica desse gramático, na qual o autor, ao focalizar certas expressões, apela para o “sentimento linguístico” vigente num “estado de língua” *sincrônico*. Limito-me a reproduzir a passagem das lições de S. Ali, em que a perspectiva sincrônica é assumida pelo autor. Nas palavras de Bechara (1962, p. 20): “Momentos houve em que Said Ali teve de ressaltar que o sentimento linguístico da época era mais importante e decisivo para o gramático do que a lição da história”. Prossegue, situando o lugar da morfologia como sendo o *locus* desta descoberta.

3 Agentividade na cadeia causal: no manejo discursivo, uma diversidade de recortes

A noção de “agente” integra uma noção complexa, a de “causatividade”, cuja pesquisa coloca para o linguista questões de língua e de discurso. Encontrei nesse tema espaço para discutir, a partir da tese de doutorado (Figueira, 1985, inédita), como as crianças recortam eventos cujos efeitos podem ser alvo de responsabilização.

Firmemos inicialmente alguns pontos: uma cadeia causal encerra um evento que confere expressão a quem fez, o quê, a quem e com qual resultado. Dirigido a um fim, encerra um efeito resultante, mudança de estado ou de lugar (de coisa ou de pessoa). No material empírico reunido, o pesquisador se defronta com cenas que reclamam contemplar, amplamente, no manejo do discurso, a noção de “agentividade”. O gesto de apontar o responsável por efeito resultante de uma ação – importa dizer – não pode ser ignorado num artigo voltado à alteridade. Inclui considerar aquilo que, no diálogo entre duas pessoas, cada uma espera da outra com a qual interage.

Assim, ao lado dos aspectos gramaticais de recortes causais (transitividade, telicidade, alternância da diátese verbal), interessam os aspectos discursivamente marcados por um ponto de vista: o de quem enuncia (a criança). Quando esta fala com um adulto sobre evento em que está envolvida, nossos registros documentais atestam excertos em que a noção de “agente” comparece, atravessada, muitas vezes, por culpa ou mérito (Figueira, 2019)²⁴.

24 Hipótese primeiramente explorada no capítulo 3 da tese e, depois, em artigo de 1986 (“Agente e culpado: dois papéis que se recobrem na aquisição da construção fazer +V”).

Masayoshi Shibatani investigou, na década de 1970, **modos de causação**, dentre os quais o direto e o indireto, o manipulativo e o não manipulativo (Shibatani, [1973]/1975). Num livro mais recente (*The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation*, de 2002), o autor assina, com Prashant Pardeshi, um estudo em que consideram o que chamam de “*interplay* entre adulto e criança no contexto da família” (Shibatani; Pardeshi, 2002, p. 100-101), descrevendo três tipos de “sociative construction: (i) joint-action, (ii) assistive and (iii) supervision”.

Considerando a proposta atual desses autores, frente à amostra recolhida, predominantemente, do *corpus* longitudinal de J. (dados de diário, entre 2 e 5 anos), chegamos à conclusão (Figueira, 2022) de que a formulação dos autores avança, mas se mostra limitada para dar conta da gama mais variada do funcionamento **discursivo**, quando se tem em mente incorporar na descrição o material ampliado de que dispomos, no qual eventos causais solicitam apoio na teoria da argumentação na língua (Ducrot, 1987; Vogt, 1989), no modo como a criança recorta os eventos nos quais possa estar implicada.

São múltiplas as mudanças, no contexto familiar, que envolvem a criança e seu interlocutor privilegiado (um adulto da família), no cenário doméstico. Mudanças não ocorrem somente sobre objetos manipulados pela criança (copo que cai, vaso que quebra, vestido que estraga...); ocorrem também nas condições do falante: criança que chora, criança que aprende uma canção e se envaidece disso, que fica emburrada, que se emociona... Colocando o olhar sobre o que a criança percebe como relevante no contato com um membro da família (seja quem lhe presta ajuda ou a ensina a fazer algo), cada um desses ingredientes se mostra relevante quando buscamos

descrever os **atos de fala** proferidos pela criança em cada situação retratada, na qual há um efeito resultante de uma ação²⁵. Daí testemunharmos uma diversidade de atos de fala, que nos levou a uma reflexão dirigida mais apropriadamente a captar “nuances” (ou “matizes”) da agentividade.

Em breve resumo, os dados elencados trouxeram evidências para atestar que a língua(gem) do cotidiano infantil contempla recortes capazes de recobrir a autoria de uma ação resultativa, que poderá ser: (i) assumida, (ii) dividida com outrem, (iii) recusada ou (iv) apagada. Nesse último caso, observa-se o recuo à menção do puro resultado de uma cadeia causal.

Minha pesquisa explorou, com riqueza de exemplos, as situações (i), (ii), (iii) e (iv), material disponível ao leitor em Figueira (2022), para conhecimento dos excertos que permitem caracterizar cada um desses recortes²⁶. Por limitação de espaço, trazemos, para esta seção, um episódio dos 3;2.2 de idade de J., que começa de maneira intrigante. A menina se aproxima da mãe e, sem que esta lhe pergunte nada, vai logo dizendo: J₁. “Seu batom sumiu”.

(4) (subitamente J. se aproxima da mãe e declara)

J₁. Seu batom sumiu.

M. (não diz nada; J. prossegue)

J₂. Eu levou/leveí pá/pá jogá fora.

M. Jogar? Onde?

J₃. Jogá no lixo. (3;2.2)

A referência ao batom da mãe é feita enquanto puro estado de coisas (“seu batom sumiu”), sem dizer quem é o responsável

²⁵ Fala-se da propriedade tética para verbos que encerram o resultado de uma ação modificadora. Se o resultado é negativo, naquele contexto (“quebrou”, “machucou” e tantos outros), é comum que se busque o responsável, ou, para usar palavra mais corriqueira, o culpado. Se não pode ser explicitamente nomeado quem a fez, é sempre no curso de diálogo que se observa como possibilidade: obscurecer/ocultar o agente.

²⁶ Pesquisa concluída em data recente poderá ser consultada para ampliação dos exemplos, aqui limitados a (4) e (5), por uma questão de espaço.

pelo sumiço. A mãe, na cena, se limitara a ouvir a criança e não perguntara nada. Surge, então, no turno seguinte da menina, J₂, um enunciado hesitante quanto à marca de pessoa: “Eu **levou/leve**i pá/pá jogá fora”. O verbo comparece primeiro na terceira pessoa, imediatamente seguido pela primeira pessoa. É só depois de ouvir esta frase que a mãe (a dona do batom) se pronuncia: “Jogar? Onde?”. Ela ouve, então, a resposta do ato realizado: J₃. “Jogá no lixo”.

Chega-se à confissão do ato, do qual procedia o efeito relatado: confissão de um malfeito, que começou com o apagamento do agente, logo na primeira fala de J. Diríamos que **a alteridade padece destes recuos** – ou, se melhor, **joga nesses contextos**, quando, numa interação, se está diante de um feito embaraçoso. No exemplo (4), a menina caminhou, até certo ponto, na direção de ocultar sua participação no evento, mas não pode finalmente ignorá-la.

No horizonte da investigação que levamos adiante, apostase na necessidade de associar, ao tratamento semântico, a abordagem de certa **deontologia**. Esta exerce sobre o falante uma pressão para dizer o que se espera, do outro lado do diálogo, ouvir. Uma noção ampla de **sentido** deverá incluir quem é o alocutário do ato de fala da criança e de que maneira ele é visto (leia-se “representado”) por ela (Vogt, 1989).

Uma parte expressiva do material examinado no artigo “Os matizes da agentividade nos nichos domésticos: focalizando a linguagem da criança entre 2;3 a 5 anos de idade” (Figueira, 2022) recaiu sobre as **relações** entre criança e adulto. No momento da enunciação, o “jogo de representações” entre o falante e o ouvinte contribui para o recorte final sobre o evento a ser comunicado, conforme acabamos de ver.

O exemplário para cobrir as “vicissitudes da alteridade” é muito amplo. Reiteramos o convite para consultar a publicação, na qual é possível, ao passar por exemplos de (i) a (iv), conhecer achados curiosos, outros instigantes, nos modos de recortar algo que se passou com a criança, seja num passado recente, seja algo que está em curso, no presente da enunciação. Pode-se mascarar o agente de uma ação ou pode-se deixá-lo bem a descoberto. A inclinação para um ou outro recorte depende de cada situação observada. Se se trata de dar expressão a um feito em que a criança reconhece seu próprio mérito (individual ou, mesmo, mérito compartilhado), seu sentimento quanto ao efeito positivo conduz a uma enunciação aberta e claramente assumida junto a seu alocutário. Acrescentamos um exemplo desse último caso: um episódio de ação compartilhada entre coetâneos, cuja finalização realça os méritos da execução (completa), garantindo, com isso, aprovação materna.

J., aos 3;9.3 de idade, procura a mãe para dar uma boa notícia: uma ação cuja responsabilidade fora dividida com a irmã. Depois de terem se entretido numa brincadeira de “fazer comidinha” no meio da sala, espalhando alimentos e objetos, a mais nova se adianta para a mãe para assumir o que fizeram:

(5) J. *Nós fimos* [= fizemos] e *limpamos*. (3;9.3)

Assim elaborada, sua enunciação suspende qualquer possível reprimenda materna: a menina e sua irmã se garantem com uma enunciação em que se declina o ato: “nós fimos” (= “fizemos”), seguido da providencial referência à ação seguinte: “e limpamos”.

A esse misto de “relato-justificativa”, associa-se o efeito perlocucional de tornar a continuação do diálogo sem efeito

para qualquer exigência, por parte de M. J. não deixa espaço para uma “bronca” materna: “nós fimos e limpamos” anula ou esvazia a cobrança de remover a bagunça na sala. Eis como, no seio desse diálogo entre familiares, o discurso aponta para certa “direção”, aspecto que encontra abrigo numa proposta voltada à teoria da argumentação na língua (Ducrot, 1987; Vogt, 1989).

Fica para o leitor a oportunidade de acrescentar seus próprios registros, num domínio sempre aberto a novas contribuições²⁷. Nas duas próximas seções, continuamos nos valendo de enunciados extraídos do diário de J.

4 Um diálogo de J. expõe a homonímia

Ingressamos num tópico no qual a dinâmica do discurso abre o palco para o fenômeno da homonímia, tema a ser retomado mais ao final do artigo, quando apresentaremos uma outra ocorrência de potencial homonímico – exemplo privilegiado para comentários adicionais sobre o funcionamento simbólico na infância.

Primeiramente, fiquemos com o que acontece numa cena corriqueira: M. (a mãe) conversa com a filha mais velha (A.), mostrando a ela a gravura de uma cobra com a boca aberta e a língua de fora. Note-se que M. fala com A., a quem se dirige para dizer: “A cobra tem a língua comprida”.

²⁷ Dispomos de um material primoroso acerca da flexibilidade do papel assumido por Al., 2;9.18 de idade, num contexto íntimo.

M.: Alice, você me disse hoje que é uma princesa. É verdade?

Al.: É, eu só p(r)incesa! (a)

M.: Então, sabia que princesa faz o cocô no penico?

Al.: Ah é?... Ah... então eu sô a b(r)uxa malvada! (b) (retomado de Figueira, 2019, p. 123-124).

O diálogo, habilmente iniciado pela mãe: “Alice, você me disse hoje que é uma princesa. É verdade?”, leva a menina a declarar: “É, eu só p(r)incesa!” (a). Resposta aproveitada pela mãe: “Então, sabia que princesa faz o cocô no penico?”, que levaria Al. a aderir a uma mudança de comportamento, não fosse a rápida virada de posição da menina: “Ah... então eu sô a b(r)uxa malvada” – ato de fala eloquente, contendo o operador argumentativo “então”. Veja-se que é o mesmo que fora empregado pela mãe, mas, no caso de (b), a proveito da própria vontade e interesse da garota. Como efeito, resta a surpresa e o desconcerto de M.!

(6) (em cena estão a mãe (M.) e as duas filhas. M tem nas mãos um livro, aberto numa página. Mostra à filha mais velha (A., 7 anos de idade) a gravura de uma cobra com a língua de fora; diz a esta)

M. A cobra tem a língua comprida.

(a irmã mais nova, 3;8.22 de idade, que estava por perto, de pronto pergunta)

J. *Que língua que a cobra fala?* (3;8.22)

Uma surpresa: de fora da interação, J., a mais nova das irmãs, põe-se como interessada na conversa, desviando a atenção materna para si, ao indagar: “Que língua que a cobra fala?”.

A pergunta surpreende: primeiro porque o enunciado pressupõe que cobras falam. Na pergunta de J., isso é dado como suposto (ou, falando tecnicamente, pressuposto): o que ela quer saber é **qual** língua falam as cobras, e não **se** elas falam.

Concedamos que não é difícil de entender a razão do rumo dado por J. ao que escutara: os bichos falam em histórias infantis. J. reagiu a **língua**₂ (idioma), embora naquele cenário, no desenho exibido à irmã, o foco estivesse sobre – digamos – a **língua**₁ (órgão da boca). Estamos usando aqui índices de um dicionário que remetem ao fenômeno da homonímia²⁸.

À questão da homonímia, já exposta em outras publicações²⁹, soma-se aqui o interesse pelo conceito de **pressuposição**. Numa utilização (mais convincente quanto à escolha de exemplos), sabe-se que Ducrot, na apresentação dessa noção, datada de 1972 (trad. bras. 1977), chega a assinalar o valor “jurídico” do pressuposto, qual seja: o de fazer o outro aceitar certo conteúdo como fora de contestação. O exemplo citado pelo autor, no capítulo “L’acte de présupposer”, recai sobre um ato particular

28 Consideremos uma palavra homônima: “bolsa”. “Bolsa” pode significar “saco para guardar objetos”, mas também “ajuda para cobrir despesas”. No contexto de uma família cuja mãe ou pai é pesquisador(a), o derivado “bolsista” foi ouvido, da parte do filho, com o único sentido que lhe ocorreu: o de uma pessoa que porta um saco onde carrega coisas. Fato recebido, no meio familiar, com risos. Vicissitudes da homonímia.

29 Ver, por exemplo, Figueira (2023a).

de fala, no cenário de um interrogatório policial, em que aquele que ali representa a lei (um inspetor) tem diante de si um suspeito de crime e opta por começar perguntando: “onde você colocou o corpo da sua mulher?”, dando por aceite que o interrogado matou sua mulher. Coube a Ducrot ([1972]/1977), no longo e detalhado capítulo, incluir esse exemplo de que pressuposições possam ser usadas, digamos, como armadilhas da enunciação. Com efeito, naquele interrogatório, “uma de suas ‘habilidades’ consiste em colocar perguntas que pressuponham o que se quer fazer confessar” (Ducrot [1972]/1977, p. 106). Poderia o interrogado reagir rejeitando tal pressuposto, e isso seria, para Ducrot, instalar o que chamou de “discurso polêmico”³⁰.

Completemos agora a análise de (6), atentando à sua condição de achado peculiar. Na pergunta de J. (“Que língua que a cobra fala?”), há, de fato, um pressuposto, porém sem se revestir de armadilha verbal – apenas uma evidência de que J. parte do fato de que, dado que bichos falam, sua curiosidade reside em saber qual língua a cobra fala.

Para quem observa a cena, a indagação de J. desperta o interesse em conhecer, nesta altura, aquilo que J. sabe acerca do mundo que a cerca, o que inclui sondar o imaginário infantil sobre bichos. Mostra, ademais, a sensibilidade da pequena ao outro sentido da mesma palavra, que não lhe seria estranho: uma palavra pode significar duas coisas. Bichos, como cobra, têm língua₁ e língua₂.

Ora, se (6) permite reservar um espaço para discutir uma particularidade no funcionamento do léxico infantil, qual é, por

30 No contexto doméstico, registram-se discordâncias para as quais seria adequado falar numa relação (dialógica) em que o outro comparece em desacordo com o desejo da criança. Tal seria o caso se J. lançasse à mãe um pedido numa hora que contraria os hábitos da casa, por exemplo: “Qual sorvete vai me dar agora: morango ou chocolate?”. Poderia receber a resposta: “Agora não, só depois da janta, como sobremesa”. Cairia por terra o desejo infantil, que não encontrou acolhida, ao formular a criança o pedido como o fez, tendente a obter resposta favorável ao pedido de tomar sorvete fora de hora.

sua vez, o efeito da pergunta de J. no polo da interlocutora? Se tal pergunta causa espanto ou riso, leva o pesquisador a sondar se havia alguma evidência de que, no ponto de partida daquele diálogo, J. dava indícios de uma alteração de voz, ou gestos, a sugerirem uma mudança de posição na direção de produzir o riso. Naquela cena, sua pergunta indicava que ela falava de modo sério. Ela queria saber qual a língua falada pelas cobras. O tema da homonímia voltará a propósito de um episódio (15), adiante, tão ou mais intrigante do que (6).

5 Enunciados autorreferenciais: em destaque a primeira pessoa

Para continuar com J., segue agora outro feito discursivamente bem interessante, que recai sobre um atributo que lhe é endereçado pela mãe. Esse feito comparece aos 3;5.26 de idade, numa sequência em que a mãe intercepta a saída da garota, que escapava do jardim para a rua. Ela o faz chamando-a de “baixinha” (M. “Vem cá, baixinha!”). J. prontamente responde, numa enunciação em que ela rebate o que ouviu, dirigindo-se à mãe:

(7) J. *Eu não sou baixinha. Eu sou eu.* (3;5.26)

Voltamos, assim, a falar de ocorrências autorreferenciais. Elas não se esgotam nas instâncias de “o-que-vou-ser-quando-crescer”. Em situações de uma premência discursiva, como (7), a criança toma a palavra, contestando como foi chamada – peça incorporada a este estudo, como ilustração inegável da reação da menina ao modo como foi referida.

Assinalo a excepcionalidade do episódio, particularmente rico para observar língua e discurso. Proferido em dois lances,

sintaticamente encadeados numa só tomada de turno – (i) “Eu não sou baixinha não”, (ii) “Eu sou eu” –, (7) encerra uma réplica. No primeiro segmento, rejeita a denominação que lhe fora atribuída pela mãe; no segundo, acrescenta, em tom abertamente assertivo: “Eu sou eu”. Reitera, com isso, seu lugar de quem toma a palavra para arrematar, em tom que não admite contestação, seu lugar de **enunciação**, pessoal e intransferível. A incidência de “eu” em duas posições gramaticais só vem reafirmar um dizer que não se curva a uma designação que não lhe cabe. Uma descrição nos moldes da gramática poderia dizer que o pronome “eu” ocorre como sujeito e como predicativo do sujeito, mas não reconheceria o mais importante dessa cena: o valor inegável da não aceitação da predicação atribuída.

Tal predicação mobiliza considerações acerca dos efeitos que produzem no adulto interlocutor, a surpresa sendo um deles. O pronome “eu” surge três vezes, irrefutável como marca da insatisfação (quase revolta) da criança. Uma coisa é certa: não é da recusa em ser barrada, na sua intenção de sair portão afora, aquilo de que J. se ressent. Seu “sentimento contrariado” reside em ser chamada de “baixinha”, designação firmemente rejeitada.

Menos veemente, mas igualmente para marcar um desacordo, encontro no diário de Al. o seguinte diálogo, em que esta menina apõe, ao elogio (metafórico) que procede da mãe, seu **nome próprio**. A partir da anotação, consta que a resposta foi recebida com risos:

(8) (Depois de um passeio com a vovó, Al. traz uma florzinha para a mamãe)
M. Pra mim? Obrigada, filha! Você é que é uma flor!
Al. Não! Eu sou a Alice! [rsrsrs] (5;5.18)

6 Sobre o nome próprio e o nome comum. Reunindo achados de (e)feitos marcantes

Os nomes próprios absorvem a atenção dos estudiosos, na medida em que “tendem a ser os pontos de apoio da referência a particulares” (Strawson, 2019, p. 81); dentre particulares, destacam-se os nomes de pessoas e lugares. Nesta seção, trazemos material que procede da consulta a três registros envolvendo nomes de pessoa.

Há pouco passamos pela homonímia, sede de questões interessantes para perscrutar os caminhos que assumem, na história da trajetória da criança com a língua materna, seu encontro com palavras de significados diferentes, mas de mesma identidade material. Dentre os registros do francês-língua materna, encontrei dois dados valiosos para incluir o nome próprio no domínio da homonímia. Começamos com (9), diálogo cuja cena nos oferece material a fim de atestar uma mudança de posição do sujeito na direção do humor.

Como se sabe, ocorrências tendentes à ironia ou mesmo ditos espirituosos constituem um tópico que interessa aos que estudam a trajetória da criança pela língua materna (Del Ré; Dodane; Morgenstern, 2019). Indaga-se em que idade surgem os primeiros sinais de uma tirada cômica por parte da criança. Vamos comentar inicialmente, do livro de Bonnet e Tamine-Gardes (1984), *Quand l'enfant parle du langage*³¹, o episódio de uma menina de seis anos.

(9) (V. D., 6 ans)

(pour plaisanter)

Valérie D. *Moi je ne sais pourquoi tu t'appelles Madame Bonnet... tu mets jamais de bonnet ... eh ! Madame Bonnet sans bonnet !* (Bonnet; Tamine-Gardes, 1984, p. 91).

³¹ Não traduzimos, pois corre-se o risco de, na transposição para o português, eliminar o fato linguístico presente naquela ocorrência.

Divisamos em (9) o momento em que a menina se descobre diante do nome de sua interlocutora: Mme. *Bonnet*. Isso lhe traz à lembrança outro nome (*bonnet*), que se aplica a um objeto do mundo físico, peça do vestuário (“boné”, em português). Alinhados, recortados pelo mesmo significante.

Nas palavras da menina, notemos primeiramente seu sentimento de “uma inadequação”: *Moi je ne sais pourquoi tu t’appelles Madame Bonnet* – turno de fala encabeçado pela primeira pessoa do discurso, nas suas duas formas: *moi* e *je*. V. D. reage ao que a identidade sonora lhe sugere como uma coisa estranha (e engraçada..., completemos): *Bonnet/bonnet*. Nesta altura, tal descoberta desperta na menina algo capaz de levá-la a uma enunciação zombeteira. Assim, após pausa breve (ver a marca, nas reticências), a menina diz: ... *tu mets jamais de bonnet...* Valérie conclui, então, com uma interjeição, disparando o gracejo: *eh! Madame Bonnet est sans bonnet!*

Tal manifestação levou sua interlocutora (e pesquisadora) a transcrever o episódio como uma *plaisanterie* (port. “brincadeira”). Na transcrição do contexto, veja-se a marca do ato de fala da menina, interpretado como [“pour plaisanter”].

Resumindo: a cena mostra que, ao descobrir que aquela a quem chama de Mme. *Bonnet* carrega o mesmo nome que se dá ao boné, a menina ri desse achado, seu tom de ato de fala terminando jocoso: *eh! Madame Bonnet sans bonnet!* O dito espirituoso repousa na homonímia entre nome próprio e nome comum, mostrando que Valérie D. se diverte com o achado. Provavelmente, junto com ela, sua interlocutora, grata pelo dado.

A questão que normalmente se coloca no cenário de muitos diálogos com **potencial** cômico é avaliar quem ri e do que se ri (Figueira, 2023b). Neste ponto, convém acrescentar (10) e, adiante, também (11). Recorremos primeiramente a (10), excerto

de outra menina, também chamada Valérie, sujeito de Aimard (1975). No livro *Les jeux de mots de l'enfant*, eis o registro que encontramos: quando a menina ouve na televisão falar de *Monsieur Paquet*, ela prontamente pergunta:

(10) V. *c'est un Monsieur qui porte des paquets?*
(Aimard, 1975, p. 38).

V. associa ao nome daquele senhor (*Paquet*) o nome comum *paquet*, num dito registrado aos 4;1 da menina, tocada pela identidade sonora de *paquet* com *Paquet*. Embora sua pergunta favoreça o espaço para tirar proveito dessa associação para fins de um dito brincalhão (fr. *plaisanterie*), foi V. D. (no episódio registrado por *Bonnet*) quem levou mais adiante a oportunidade para uma tirada espirituosa, por estar em frente daquela pessoa que é nomeada com o nome de um objeto.

Ampliemos agora a discussão através de (11), episódio que me chegou da colaboração de uma aluna, de quem ouvi o seguinte relato³²: um garoto recebeu de sua avó a instrução de que deveria cumprimentar uma menininha recém-chegada. O netinho ouvira da avó a recomendação “Fala oi p(r)á Sarinha” e atendeu ao pedido como pôde. A cena teve um desfecho insólito, digno de virar anedota. Vejamos qual:

(11) (a avó de um garoto pede a ele que cumprimente
Sarinha, uma menina)
Ad. Fala oi prá Sarinha.
Cr. *Oi, passarinha!* (4 anos)

Ao se dirigir à menininha com “Oi, passarinha!”, a saudação do garoto levou à gargalhada todos que assistiam à

32 Muitos episódios cômicos da infância vão parar no anedotário familiar, registro que às vezes chega ao linguista, como aconteceu com (11), colaboração de Leila Besinoto, do mestrado de Cáceres, a quem agradeço. Outros, de minha própria recolha, elenquei numa publicação nomeada “Dados Anedóticos quando a fala da criança provoca o riso... humor e aquisição da linguagem” (Figueira, 2001).

cena. A escuta do *continuum* sonoro, por parte do garoto, fora alvo de outra interpretação. Ao linguista interessa assinalar tal acontecimento, que repousa sobre outra delimitação de unidades da cadeia sonora ouvida. O que ele recortou da massa sonora foi “passarinha” e não “p(r)á Sarinha”. Pode-se adiantar que entrou em jogo, na sua escuta (e em outras que o leitor não terá dificuldades em encontrar em seu estoque de dados anedóticos), nada menos do que o “potencial homonímico” da cadeia sonora, em apreensão contingencial, por parte da criança. Um feito de efeito engraçado³³, do qual não desfrutou o menino. Todos riem, mas ao garoto passa desconhecida a graça que emana de sua fala.

O que mais temos para incluir, quando se instala um recorte divergente sobre a pauta sonora de uma palavra? Voltemos a um exemplo do cenário do francês-língua materna.

7 A palavra e sua estrutura: lá onde a língua pulsa em remotivação semântica

“Casa” (em francês, *maison*) desponta cedo no léxico da criança. Se é pequena, seria referida como *maisonnette*, analisável como *maison* + *-ette*.

Conforme nos conta Béguelin (1993), recorrendo a um achado de uma criança de 6 anos (registro de Bonnet), *maisonnette* foi glosado como:

(12) *une maison où il y a une sonnette* (Bonnet, 1986, p. 50).

Este feito mereceu, da parte de Béguelin (1993, p. 10), uma interpretação válida no quadro de uma discussão sobre

³³ Em Freud, no livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, encontramos propriamente o tratamento dado ao que é “chiste”. Um dos exemplos alistados nessa obra incide sobre o nome próprio *Léopold*, proferido *Cléopold*, em situação em que se fazia alusão à amante de Leopold, chamada Cléo, achado que tende à zombaria, por nós destacado em outro lugar (Figueira, 2020).

motivation e remotivation des signes linguistiques – fenômeno assemelhado à etimologia popular. A autora o toma como evidência capaz de mostrar “la mise en œuvre par les locuteurs”, de um segmento que, no corpo da palavra, torna-se *porteur de sens*³⁴. Na estrutura da palavra, ganhou saliência semântica o segmento sonoro *sonnette*.

Não sabemos se a pequena foi corrigida ou não. De nossa parte, contentamo-nos em dizer que o achado revela uma escuta divergente sobre o *continuum* sonoro, adequada àquilo que ocorre à criança oferecer como “leitura”, ou melhor, como interpretação do que lhe chega aos ouvidos.

Para exemplo da trajetória da criança com o português-língua materna, encaminhamos apenas uma ocorrência: “chutebol” (designação da criança para “futebol”). Parte da palavra torna-se, no seu *quantum* de matéria fônica disponível, *porteur de sens*. Poderíamos dizer, usando expressão retirada do CLG, que um sentido “se insufla numa matéria dada e a vivifica” (Saussure, [1916]/1971, p. 101) – presentificada numa ocorrência que melhor condiz com uma relação associativa, movimento que a explica: o futebol é jogo que se pratica com “chute”.

Outras vicissitudes da palavra no contexto de crianças em sua trajetória com o português podem ser apreciadas numa situação de nomear e contar. O próximo fragmento procede de A1.

34 Apoiada na produção bibliográfica de Béguelin (1993, 1995, 2002), revisitamos a noção de “etimologia popular”, à luz do referencial teórico saussuriano (ver Figueira, 2024b).

8 Entre contar e nomear

O diálogo (13) começa com um comentário da mãe: “Alice, quantas crianças tem em casa?”, Al. diz: “Dez”. A mãe de Al. demonstra surpresa, interpelando a filha (M₂): “Ué, além da Alice, quem mais?”. Com isso, abre-se espaço para a enumeração que Al₂ fará de suas bonecas. Leia-se, a seguir, o desenrolar do diálogo³⁵.

(13) GÊNERO. Alice conversando comigo no banho, comento que a vizinha do apartamento de cima tem 3 crianças. E então pergunto:

M₁. Alice, quantas crianças tem em casa?

Al₁. Dez. (a)

M₂. Dez? Ué, além da Alice, quem mais?

Al₂. A Duda, a Bebel, a Lilica...(b) (c começa a elencar as bonecas)

M₃. Ah, é claro! E tem o Teddy também! (digo, tentando consertar meu suposto erro numérico)

(registro de M.: Ela me olha, dá risada e responde):

Al₃. *Nããããoooo, mãe! O Teddy é c[r]ianço! (c)*

Para fazer frente ao número dez, Al. se põe a nomear as bonecas, através de nomes próprios, ou melhor, de seus apelidos: “Duda, Bebel, Lilica...”. A mãe ocupa um turno para concordar: “Ah, é claro”, mas introduz o nome de um garoto: “E tem o Teddy também!”. Teria sido para ajudar na totalização? Ou para provocar a criança que só nomeou bonecas?

Seja qual for a direção imaginada por M., certo é que a menção provocou a sonora e enfática discordância de Al. quanto ao nome de Teddy: “Nããããoooo, mãe! O Teddy é c[r]ianço!”. Fica claro então que, na sua contagem, a menina falava de bonecas, e não de bonecos. Proferindo com riso, a criança sai

³⁵ Conservamos as normas de transcrição da mãe-linguista, muito semelhantes às que temos usado. Em caixa alta, o assunto “gênero”, destacado no título dado ao excerto.

desse embate entre nomes e números com a exclamação: “O Teddy é criança!” (c).

Não vou recordar exemplos que alinhei em artigos precedentes, em que a marcação gênero-sexo é sede de registros anedóticos³⁶. O ganho para o pesquisador, desafiado neste território recheado de formações divergentes, está na possibilidade de pôr à prova fundamentos teóricos, dos quais não se pode prescindir na descrição-explicação de feitos seja sobre nomes próprios, seja sobre nomes como “a criança”. Classificado na gramática como item que recobre “menino” e “menina” (substantivo sobrecomum), quando ajustado ao boneco chamado Teddy, esse item será para Al. “criança”³⁷.

O leitor conta, neste domínio, com a contribuição de trabalhos de conclusão: R. Cruz (2018, dissertação de mestrado) mostrou que a criança acomoda marcas de gênero-sexo ao se referir à figura feminina: “Menino Jesus” vira “Menina Jesusa”; C. Vieira (2022, tese de doutorado) nos fez conhecer outra ocorrência, esta vinda de Ra. (3;0.28), ao falar de dois bonecos: “Sabe? Essa é Ana Clistina e este e o/ e o [S I] Ano Clistunu”³⁸.

Se nomes próprios se curvam a um acidente gramatical para marcar sexo, não faltou no diário de Al. um registro argumentativamente relevante, expressão cabal de sua condição de menina. Vamos conhecê-lo em (14), precedido por uma descrição do contexto, na qual a mãe deixa claro o clima tenso daquele momento. Tentando contornar a situação em que Al. se mostra briguenta, M. oferece o exemplo do macaquinho malvado, personagem mal-educado que acaba sozinho no final

36 Ver nota 34.

37 Numa página de *Grande Sertão: Veredas*, a palavra “criatura” recebe do autor a mesma transformação: “...**criaturo** de Deus, que nu por falta de roupa”.

38 É discutível a ideia, presente no CLG, da não analisabilidade do nome próprio (Figueira, 1995). Argumentos empíricos são encontrados na fala de crianças, em estudos recentes: Vieira (2022, p. 116) registrou a alternância vocálica /i/ - /u/, em “Janaína / Janaína”, na fala de Da. (3;07.05 de idade), quando duas coleguinhas de classe eram individualmente nomeadas. Compare-se com: “Ana Clistina” / “Ano Clistuno”, em que a alternância da vogal vale como marca de gênero associada a sexo: “Essa é a Ana Clistina, e este e o / e o [SI] Ano Clistunu” (Vieira, 2022, p. 178).

da história (a). A criança reage (b), instalando-se um embate verbal, cuja palavra final (c) coube a ela.

(14) DIFÍCIL. De vez em quando apelamos para as historinhas ao abordar uma questão educacional com a Alice. Ontem, depois de passar o dia levando bronca, eu disse:

M. Se você ficar brigando com todo mundo, vai acabar que nem o *Macaquinho Malvado*, que ficou sozinho no fim da história! (a)

Ela me enfrenta:

Al₁. *Não vou ficar sozinho, não!* (b)

Eu questiono:

M. *Ah, é? Você que pensa! Ninguém vai querer ficar perto de uma menina birrenta!*

Ela encerra a questão:

Al₂. *Eu não vou ficar sozinho porque eu sou menina. Eu vou ficar é sozinhoA!* (c)³⁹ (3;7.13)

O diálogo se fecha com o turno Al₂, disposto em duas autopredicações. Ao corrigir a mãe, Al. se declara **menina**, portanto, o que lhe cabe é “sozinha” (“sozinho” fora dito pela mãe, mas para se referir ao *Macaquinho Malvado*). Na nota que acompanha o registro, constam detalhes gráficos, através dos quais a transcrição põe em destaque tais marcas: “Eu não vou ficar sozinhoO porque eu sou meninaA. Eu vou ficar é sozinhoA!”.

O extrato (14) possibilita duas observações: (i) a criança ocupa a cena num embate em que ela dá conta de contradizer sua interlocutora; (ii) ela o faz mobilizando o recurso que a **língua** lhe faculta – os meios morfologicamente marcados que cabem a ela, uma menina. Estes foram destacados por maiúscula pela mãe, que transcreveu o episódio.

O estilo pessoal de tal registro favorece uma observação adicional: entre o desejo inicial de M. (um discurso edificante,

39 Conservei o título e demais recursos de notação que foram adotados pela mãe, apenas introduzindo em linhas separadas os turnos de fala na apresentação gráfica do diálogo. Conservei maiúsculas para os nomes alterados no sufixo.

tomando por exemplo um personagem birrento) e o pronunciamento final de Al., aconteceu uma virada no rumo da conversa⁴⁰, capaz de revelar aspectos da habilidade da criança em se situar na relação com sua interlocutora, dando outra direção ao diálogo.

9 O potencial homofônico da cadeia sonora como desencadeador de relações associativas

Voltemos às novidades languageiras de crianças francesas. Dentre as mais intrigantes, meu destaque é para predicções insólitas e, neste domínio, impagável é a indagação de Emmanuel (3 anos de idade), num diálogo com sua mãe.

(15) (M e Emmanuel, 3 anos: a mãe faz uma observação sobre o tempo)
M₁. *Le temps est pluvieux aujourd'hui.*
(EM, faz a pergunta)
EM₁. *Pourquoi, quand il fera beau, le temps sera plus jeune ?* (Aimard, 1975, p. 150).

O diálogo começa com a mãe comunicando ao filho: *le temps est pluvieux aujourd'hui*. Ou seja, uma informação sobre a condição climática, naquele dia: fr. *pluvieux*, port.: “chuvoso”. Em resposta, o menino lhe dirige uma pergunta desconcertante: *Pourquoi, quand il fera beau, le temps sera plus jeune?* A palavra *pluvieux* foi interpretada pelo menino como atributo a uma entidade (o tempo), pendente entre *vieux* e *jeune*.

Uma assimetria se estabelece no diálogo, assentada sobre a equivocidade da linguagem, instalada no corpo de uma palavra,

⁴⁰ O diário de Al. é rico em “reviravoltas discursivas”: recusando o rótulo de “princesa”, Al. decide-se, certa vez, pelo de “bruxa malvada” (ver nota 27). Em (14), em resposta bem colocada, fecha o diálogo, restando à mãe registrar seu intento malogrado, ao anotar, ao final da transcrição: “Alice não entendeu a moral da história!”.

à qual se atribuiu outra interpretação. A pergunta de EM mostra que ele tomou outro rumo sobre o que ouviu. *Pluvieux* (port. “chuvoso”) foi escutado como *plus vieux* (port. “mais velho”), levando a uma interpretação diferente do que lhe dissera a mãe. Isso sobrevém na pergunta insólita: *Pourquoi quand il fera beau, le temps sera plus jeune?*, dirigida a ela.

Buscando situar a posição do garoto quanto à interpretação do que ouvira, diríamos que, no quadro da teorização de Cláudia de Lemos, seria adequado falar em “segunda posição”, na qual o polo dominante é a língua, dado que uma segmentação inesperada (para o contexto daquela conversa), ao recair sobre *pluvieux*, conduziu-o a *plus* (palavra de gradação) e *vieux*, qualidade contrária a *jeune*.

Tivesse sido proposta como uma brincadeira, entre adultos, tal resposta poderia ser recebida como um jogo sobre a palavra, redefinida com novo valor semântico, acontecimento cuja visada seria, então, surpreender o ouvinte com uma leitura inesperada sobre *pluvieux*, na direção de produzir humor.

Considerações finais

Achados da relação da criança com a língua e, ao mesmo tempo, de sua relação com o outro desenharam o cenário do cotidiano infantil nas seções precedentes, recobrimo situações em que as operações de nomear e predicar caminharam juntas no levantamento do material empírico deste estudo.

Dentre os dados recolhidos, o segmento das escolhas infantis sobre o futuro nos levou às lições saussurianas, particularmente àquela realçada por Normand (2015, p. 107), condizente com: “outros valores ‘flutuantes’ na série *indefinida das relações*

possíveis”. Esses valores povoam a fala da criança nos nomes de profissão, quando emergem no segmento móvel da palavra (o sufixo), sede de uma “ciranda de sufixos”, que nos dá a ver produtos que “tocam em limites consolidados da língua”⁴¹.

Completando nosso trajeto por este segmento empírico, distinguimos *noms d’agent (professionnel)* de *noms d’action*, através de outro expoente da linguística geral, Benveniste, o mais saussuriano dos linguistas. A distinção do autor revelou-se oportuna para abordar duas situações: aquela em que a criança se coloca no futuro, projetando-se numa profissão (*nom d’agent professionnel*); aquela em que a criança enuncia uma ação presente, performativa, nunca nomeada antes, na qual ela se nomeia ao mesmo tempo que executa a ação (“eu sou seguidor de cheiro”). Atribuímos a tal achado **nome de ação**, que se forma de acordo com a ordem linguística da qual J. já é cativa – original no sentido de que não reproduz uma expressão já dita por alguém, mas cria para aquela situação um sintagma que a predica numa ação contingente, para a qual a língua lhe fornece os meios expressivos. Saussure e Benveniste oferecem o referencial teórico básico para cobrir uma distinção semântica, mas não esgotam o que cabe na noção de “agentividade”.

Cada novo cenário do qual participam adulto-criança (ou criança-criança) coloca o pesquisador diante de um inventário variado, que permite circunscrever **matizes da agentividade**. Um ato pode ser: assumido ou negado, transferido a outrem ou dividido em autoria (responsabilidade ou mérito). Quando atribuído a outrem (em vez de assumido), tal recorte pede da criança um posicionamento marcado por uma **direção argumentativa** (Ducrot, Vogt), permitindo entrever

41 Como escrevemos alhures (Figueira, 2015, p. 182).

comportamentos gerais, em meio a particularidades que são do universo pessoal de cada sujeito, no recorte de eventos causais feitos *hic et nunc*. Mirando o **dizer**, levamos mais longe a análise, quando focalizamos, na seção 3, os efeitos de um ato de fala, dirigido à mãe, misto de relato de ação e justificativa (“nós fimos e limpamos”), através do qual se anula um gesto inquiridor: “Recolheram toda a sujeira?”, uma cobrança sendo oportunamente afastada.

O discurso é feito de convergências, mas também de divergências. Estão presentes não somente no material de Al. e J., mas em crianças cuja língua materna é o francês. Um exemplo: uma menina de 6 anos, S., traz para sua fala a designação *une maison à chien*, para a casa do cachorro. Confiante, encara a correção do adulto, defendendo como correta sua opção de nomeação.

(16) (S., 6 ans)

S.: ça c'est une maison à chien.

X.: une niche.

S₂ (en colère). Eh beh, on peut dire une maison parce que c'est grand. (Bonnet; Tamine-Gardes, 1984, p. 121).

Quando o adulto lhe indica outra opção (*une niche*), a menina se contrapõe veementemente ao reparo. Justifica sua opção expressiva num enunciado que começa com uma interjeição: *Eh beh, on peut dire une maison parce que c'est grand* (S₂). Uma reversão de papéis então ocorre: é a criança que, enraivecida, corrige o adulto. Seu ato de fala mostra o tom com que reagiu: *en colère*.

Entre coetâneos do cenário do português-língua materna (Ve. e Da.), nossa seleção mostrou o que se traduz como uma breve discordância, localizada num operador discursivo: “só que”, próximo semanticamente a “mas”, na conversa inicial entre as duas meninas do episódio (3). Mostrou, na mesma cena,

a presença da investigadora, cumprindo ali o papel de responder às dúvidas quanto à nomeação cabível a “meninas que pintam”. Surpreendentemente fértil para desdobramentos da análise, no turno final, Ve. nos brinda com dois feitos gramaticais que mostram a captura do sujeito pela língua.

Quanto a J., destaca-se o episódio marcado pela presença do “eu” no “aqui-agora” da sua enunciação, quando a menina, discordando veementemente de uma predicação que lhe foi atribuída (“Vem cá, baixinha”), exibe um turno de fala replicante, ao tomar seu turno no diálogo para retrucar: “Eu não sou baixinha não”. Mas J. não para aí: a autoridade sobre seu **dizer** é absoluta, quando estampada na continuação: “eu sou eu”.

Tal episódio procede da mesma criança que, por volta da mesma idade, surpreende a mãe com: “Que língua que a cobra fala?”. Aqui, tanto quanto pudemos ver, assiste-se a outro momento do universo instigante dos três-quatro anos: no imaginário da infância, cobras falam; logo, elas têm, para J., **língua₁** e **língua₂**.

Explorando anotações de diário, depositário de instigantes achados, encontramos peças que dão a conhecer convicções (ou opiniões) que os pequenos vão desenhando para si: o que fazem e o que não desejam fazer. Dentre nossos sujeitos, Al. se mostra firme quanto às suas escolhas, ao pôr de lado o modelo oferecido pela mãe. É quando assistimos a uma virada na progressão do diálogo: ao contrariar a recomendação materna, pautada num discurso edificante (convencê-la a usar o penico, falando que princesas o fazem), sobrevém sua resposta taxativa: “Então eu sou a bruxa malvada” (ver nota 27).

Outras anotações oriundas do francês-língua materna são primorosas, pela oportunidade de ver registrado o momento em

que uma menina percebe a identidade sonora entre *bonnet* e *Bonnet*. Neste momento, nasce um dito espirituoso, abertamente jocoso, que a descoberta da homonímia produziu na sequência do diálogo: a menina se diverte lançando, com risos, a exclamação à sua interlocutora: *Mme Bonnet sans bonnet!*

Há numerosos enunciados infantis fadados ao riso, como os que assentam sobre segmentação divergente do *continuum* sonoro. Num deles, “Fala oi p(r)á Sarinha” desemboca na saudação “Oi, passarinha”. A escuta da pauta sonora, ao suscitar no garoto uma interpretação diversa, desencadeia um efeito que, se chega a ser **anedótico**, sua particularidade reside em fazer rir os outros, não o menino, alheio à graça que provocou.

Nossa inclinação por ocorrências “divergentes”, na seleção do material empírico deste artigo, possibilitou incluir episódios que encerram outra “escuta”, consequente a uma redefinição dos valores impressos na matéria fônica, em recortes distintos sobre a cadeia sonora. Da trajetória do francês como língua materna, além de *plus vieux*, recordemos *maisonnette*, interpretado como *une maison où il y a une sonnette*.

São ocorrências que nos levam de volta a Saussure (1971), no capítulo do CLG “As entidades concretas da língua”, para reler uma reflexão magistral, que ilumina os achados acima: “é difícilimo **desenredar**, numa cadeia fônica, o jogo das unidades nela contidas e dizer sobre quais elementos concretos, a língua opera” (Saussure, 1971, p. 123, grifo próprio).

Atribuímos grande importância a essa afirmação, dado o alcance teórico, que chega para qualquer idade. Aplica-se, como vimos, ao quadro da infância e aplica-se ao falante adulto em jogos de língua (trocadilhos, *mots d’esprit*), domínio potencialmente rico para deslizamentos de sentido e que deverá nos ocupar em estudo futuro. Um e outro domínio deixam-nos à vontade para

concluir, com Saussure, que “em matéria de linguagem o problema das origens não difere das condições permanentes” (Saussure, 1971, p. 16). Abre-se, aqui, a perspectiva para contemplar um cenário amplo e fascinante: instâncias de **fala** põem em jogo⁴² a **língua**, entretecida numa trama. Movimento que nos dá acesso a enxergar, em atos de **fala**, um tecido de relações, por vezes previsíveis, outras vezes insuspeitadas, das quais a **língua**, no seu funcionamento, é a sede e o meio. Inovações na fala, nos anos da infância, não cessam, como temos visto, de se colocarem como um legítimo campo de investigação, onde a teorização dos mestres, chamada a se pronunciar, nos atende com adequação.

42 Testenoire (2018) se incumbe de mostrar quão frequente é, na obra saussuriana, o termo “jogo”. Quanto a nossos escritos, esse termo está presente em cada análise, assinalando o movimento da língua na fala da criança.

Referências

- AIMARD, Paule. *Les jeux mots de l'enfant*. Paris: Éditions SIMEP, 1975.
- BECHARA, Evanildo. *M. Said Ali e sua contribuição para a filologia portuguesa*. 1962. Tese (Concurso da Cátedra de Língua e Literatura) – Instituto de Educação do Estado da Guanabara, Rio de Janeiro, 1962.
- BÉGUELIN, Marie-José. Motivation et remotivation des signes linguistiques. In: CHRISTOL, Alain; LAMBERTERIE, Charles de; PERPILLOU, Jean-Louis (org.). *Étymologie diachronique et étymologie synchronique en Grèce Ancienne*. Paris: Klincksieck, 1993. p. 9-30.
- BÉGUELIN, Marie-José. Saussure et l'étymologie populaire. *Revue des linguistes de l'université Paris X*, Nanterre, n. 7, p. 121-138, 1995. Disponível em: <https://journals.openedition.org/linx/1131>. Acesso em: 11 fev. 2026.
- BÉGUELIN, Marie-José. Étymologie « populaire », jeux de langage et construction du savoir lexical. *SEMEN*, n. 15, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/semen.2414>. Acesso em: 11 fev. 2026.
- BENVENISTE, Émile. *Noms d'action et noms d'agent en indo-européen*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1993. Trabalho original publicado em 1948.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- BONNET, Clairelise; TAMINE-GARDES, Joelle. *Quand l'enfant parle du langage*. Brusella: Pierre Mardaga, 1984.

CARVALHO, Glória Maria Monteiro de. Questões sobre o deslocamento do investigador em aquisição da linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 47, p. 61-67, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637270>. Acesso em: 11 fev. 2026.

CRUZ, Rafaely Carolina da. *O gênero na aquisição da linguagem*: suas manifestações na fala de uma criança brasileira. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1048855>. Acesso em: 11 fev. 2026.

CULLER, Jonathan. *As ideias de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1979.

DEL RÉ, Alessandra; DODANE, Christelle; MORGENSTERN, Aliyah. Enunciados humorísticos em foco: implicações pragmáticas, cognitivas e sociais. *Linguística*, v. 35, n. 2, p. 235-254, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/ling/v35n2/2079-312X-ling-35-02-235.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2026.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães de. Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da ABRALIN*, n. 3, p. 97-136, 1982.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães de. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 9-28, 1995. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/15682/10323>. Acesso em: 11 fev. 2025.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães de. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 42, p. 41-69, 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637140>. Acesso em: 11 fev. 2025.

DUCROT, Oswald. Je trouve que. *Semantikos*, v. 1, n. 1, p. 63-88, 1975.

DUCROT, Oswald. *Princípios de Semântica Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. Prefácio. In: *O intervalo semântico: contribuição para uma teoria semântica argumentativa*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 9-19.

FIGUEIRA, Rosa Attié. A palavra divergente: previsibilidade e imprevisibilidade nas inovações lexicais da fala de duas crianças. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, v. 26, p. 49-80, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639249>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FIGUEIRA, Rosa Attié. O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem. In: PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta (org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 55-86.

FIGUEIRA, Rosa Attié. Dados anedóticos: quando a fala da criança provoca o riso... humor e aquisição da linguagem. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 3, n. 6, p. 27-61, 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8661679>.

FIGUEIRA, Rosa Attié. O que a investigação sobre o erro na fala da criança deve a Saussure. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 52, n. 1, p. 115-144, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637206>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FIGUEIRA, Rosa Attié. Em torno da analogia: a contribuição de Saussure para a análise da fala da criança. *Prolíngua*, v. 10, n. 1, p. 174-185, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/27596>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FIGUEIRA, Rosa Attié. La langue en mouvement: ce que la théorisation sur les occurrences divergentes doit à Saussure. In: GAMBARARA, Daniele; REBOUL, Fabienne (org.). *Le CLG 1916-2016. Le Devenir*, Paris, jun. 2018a. Disponível em: <https://www.clg2016.org/documents/CLG2016-XXXX.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FIGUEIRA, Rosa Attié. *Toucher du doigt le jeu du mécanisme linguistique*: investigando a língua em movimento na fala da criança. *DELTA*, v. 34, n. 3, p. 143-176, jul./set. 2018b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-445040972495618374>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FIGUEIRA, Rosa Attié. Inovações na expressão de agentividade: episódios marcantes da trajetória linguística da criança. *Linguística*, v. 35, n. 2, p. 104-127, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/ling/v35n2/2079-312X-ling-35-02-105.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2026.

FIGUEIRA, Rosa Attié. A fala da criança: domínio empírico para a teorização saussuriana. Do jogo previsível à imprevisibilidade do jogo. In: XXXV ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 2020, online. *Atas do GT Estudos Saussurianos*. Disponível em: <https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0863-1.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FIGUEIRA, Rosa Attié. Os matizes da agentividade nos nichos domésticos: focalizando a linguagem da criança entre 2;3 a 5 anos de idade. *Cuadernos de la ALFAL*, n. 14 (2), p. 225-252, 2022. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/14_2_cuaderno_012.pdf.

FIGUEIRA, Rosa Attié. Extratos diários da infância: um domínio empírico para a teorização saussuriana. In: PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta; SILVEIRA, Eliane; FARIA, Núbia (org.). *Études Saussuriennes Aujourd'hui*, Rome: Ariadne, 2023a. p. 175-203.

FIGUEIRA, Rosa Attié. Fatos e (e)feitos da fala divergente: questões para a Aquisição de linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 65, p. 1-17, 2023b. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8673645>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FIGUEIRA, Rosa Attié. Entre faits de langue et effets dans le discours: le langage de l'enfant. *Revista da ABRALIN*, v. 23, n. 2, p. 520-545, 2024a. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2219>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FIGUEIRA, Rosa Attié. Em torno da chamada etimologia popular: focalizando as vicissitudes da fala. *Revista Desenredo*, v. 20, n. 3, p. 524-553, 2024b. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/16439>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 8. Trabalho original publicado em 1905.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca; CARVALHO, Glória Maria Monteiro de. O interacionismo: uma teorização sobre a Aquisição da Linguagem. In: FINGER, Ingrid; QUADROS, Ronice Müller de (org.). *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. p. 115-145.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca; CARVALHO, Glória Maria Monteiro de. O interacionismo: uma teorização sobre a Aquisição da Linguagem. *Revista da ABRALIN*, v. 23, n. 2, p. 462-490, 2024. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2226>. Acesso em: 03 ago. 2025.

LIMA, Gisele Aparecida de. *A fala da criança e seus efeitos no adulto interlocutor*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

MALDONADE, Irani Rodrigues. Sobre a analogia e os erros no processo de aquisição da linguagem. *Estudos Linguísticos*, v. 44, n. 2, p. 530-545, 2015.

NORMAND, Claudine. *Saussure*. Paris: Les Belles Lettres, 2000.

NORMAND, Claudine. Alguns efeitos da teoria linguística sobre uma descrição semântica. *Convite à Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 97-109.

PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta; FIGUEIRA, Rosa Attié. Aquisição de Linguagem. In: PFEIFFER, Claudia Castellanos; HORTA NUNES, José (org.). *Linguagem, História e Conhecimento*. Campinas: Pontes Editores, 2006. p. 73-102.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1971. Trabalho original publicado em 1916.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Edição crítica por R. Engler. Tomo 1. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de Linguistique Générale*. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler avec la collaboration d'Antoinette Weil. Paris: Éditions Gallimard, 2002.

SHIBATANI, Masayoshi. *A Linguistic Study of Causative Constructions*. Unpublished Doctoral Dissertation. Berkeley: Indiana University Linguistics Club, 1973.

SHIBATANI, Masayoshi; PARDESHI, Prashant. The Causative Continuum. In: SHIBATANI, Masayoshi (org.). *The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 85-126.

STRAWSON, Peter F. *Indivíduos*. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

TESTENOIRE, Pierre-Yves. Jeu de mots, jeu phonique et anagramme dans la réflexion linguistique de Saussure. In: FULL, Bettina; LECOLLE, Michelle (org.). *Jeux de mots et créativité*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2018. p. 69-97.

VIEIRA, Camila Rossetti. *A(s) unidade(s) da palavra em inovações lexicais*: singularidade no processo de aquisição da linguagem. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1253756>. Acesso em: 03 ago. 2025.

VOGT, Carlos. *O intervalo semântico*: contribuição para uma teoria semântica argumentativa. São Paulo: Ática, 1977.

VOGT, Carlos. Por uma pragmática das representações. In: VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática, ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1989. p. 129-163.